

**A SAÚDE OCULTA ENCONTRADA NA CAATINGA: UMA CARTOGRAFIA
DO IMAGINÁRIO DA TRILHA ECOLÓGICA DO CAMPUS PETROLINA ZONA
RURAL IF SERTÃO PE**

*THE HIDDEN HEALTH FOUND IN THE CAATINGA: A CARTOGRAPHY OF THE
IMAGINARY OF THE ECOLOGICAL TRAIL OF THE CAMPUS PETROLINA ZONA
RURAL IF SERTÃO PE*

Gabriel Kafure da Rocha¹

Bruno Freitas Santos²

Suelene Leal Amaral³

Antonio Leopoldino Veras⁴

RESUMO: O presente artigo é fruto de uma breve pesquisa sobre o uso de plantas medicinal do IF do sertão Pernambucano de Petrolina zona rural. O uso de forma tradicional de vegetais com a finalidade terapêutica é uma prática milenar usada pela humanidade, e tal conhecimento é de grande importância para as futuras gerações. O principal objetivo desse artigo foi analisar e divulgar as contribuições de plantas tipicamente da caatinga brasileira e o seu potencial para o tratamento de doenças, alimentação humana e animal. Para isso, fizemos uma análise da trilha ecológica do campus Petrolina Zona Rural do IF Sertão PE, que tem nessa trilha uma grande riqueza de biodiversidade de cunho pedagógico que na maioria das vezes passa despercebido numa região natural da caatinga. A pesquisa foi de cunho metodológico quali-quantitativo, seguindo o método de uma revisão sistemática de literatura. Com os resultados da pesquisa foi possível verificar a riqueza de detalhes e de conhecimentos que podem ser extraídos partir de uma vegetação que aos olhos de muitos é menosprezada. Foram citadas várias espécies vegetais que são conhecidas pela cultura popular, e que hoje já foram comprovados cientificamente a sua importância e a sua eficácia. Observa-se a importância do conhecimento popular que em concomitância com a ciência e a pesquisa se consolidam.

PALAVRAS-CHAVE: Saberes populares, imaginário, preservação ambiental.

ABSTRACT: This article is the result of a brief research on the use of medicinal plants from the IF of the Pernambuco hinterland of Petrolina rural area. The traditional use of vegetables for therapeutic purposes is an ancient practice used by humanity, and such knowledge is of great importance for future generations. The main objective of this article was to analyze and disseminate the contributions of plants typically from the Brazilian caatinga and their potential for the treatment

¹ Professor de Filosofia do IF Sertão PE, Docente Permanente do ProfEPT IF Sertão PE.

² Mestrando no ProfEPT – IF Sertão PE.

³ Coordenadora pedagógica na Escola Técnica Pedro Leão Leal, mestrando no ProfEPT – IF Sertão PE.

⁴ Graduando em Engenharia Agrônoma no IF Sertão PE Campus Petrolina Zona Rural.

of diseases, human and animal nutrition. For this, we analyzed the ecological trail of the Petrolina Zona Rural campus of the IF Sertão PE, which has a great wealth of pedagogical biodiversity on this trail that most often goes unnoticed in a natural region of the caatinga. The research was of a quali-quantitative methodological nature, following the method of a systematic literature review. With the results of the research, it was possible to verify the wealth of details and knowledge that can be extracted from a vegetation that in the eyes of many is underestimated. Several plant species were mentioned that are known by popular culture, and which today have been scientifically proven its importance and its effectiveness. The importance of popular knowledge is observed, which together with science and research are consolidated.

INTRODUÇÃO

"A saúde é o ritmo da vida, um processo contínuo no qual o equilíbrio se estabiliza indefinidamente. Todos nós sabemos disso. Existe a respiração; existe o metabolismo; existe o sonho. Eles constituem três fenômenos rítmicos que, quando realizados, proporcionam vitalidade, descanso e energia. Não é preciso ser um leitor tão excessivo como se diz Aristóteles, que afirmava: 'A gente vai passear ... em benefício da digestão'. Se pode sair para caminhar com motivos ou sem motivos " Gadamer – O caráter oculto da saúde, p. 129

A trilha ecológica do Campus Petrolina Zona Rural foi um projeto iniciado em 2013 a partir da ideia de professores de Biologia e de Agroecologia de preservar e restaurar a flora da caatinga da área do campus que é uma grande fazenda. Com uma área de aproximadamente 800 metros, a trilha se desenvolve por três fases, mata fechada, erosão e recuperação. Na primeira estão as plantas nativas, na segunda um exemplar do que não deve ser feito com a caatinga e a dificuldade que a própria natureza tem em termos de tempo para se recuperar e na terceira, a introdução de algumas outras plantas nativas que não foram encontradas naturalmente na área, como o juazeiro, imburana de cheiro, etc.

O que pretendemos nesse projeto indicar assim como uma cartografia do imaginário, parte do conceito da influência da cartografia social transformada agora pelo imaginário no qual os elementos água, fogo, ar e terra vão se desdobrar como norteadores de nosso conhecimento. Também considerar dentro de um hipotético ou imaginário que cada elemento desenvolve funções distintas em dois períodos, sendo um nos turnos (matutino e vespertino), outro noturno. A partir da significatividade que a trilha ecológica tomou para os pesquisadores e alunos do campus, mas também justamente da experiência da trilha de se deparar com os aspectos medicinais das plantas a partir da trilha guiada, da imagem e da imaginação que as plantas geram para nós nessa cartografia

do imaginário. Correntes de ventos calor ou calor, tinidos sonoros suaves distantes ou até mesmo de impacto e alardes, objetos invisíveis ou nas formas brilhantes em movimento em meio a escuridão

O conhecimento tradicional sempre foi o alvo de pesquisa de muitos estudiosos e pesquisadores por todo o mundo. E acerca de plantas medicinais nativas da caatinga. Tal conhecimento remontam a milhares de anos atrás desde as primeiras civilizações humanas, sendo muito útil para produção de medicamentos a 4000 a.C (Valeriano, 2017).

O homem e o mundo vegetal, exercem uma relação muito estreita, onde há uma total dependência que vem sendo realizado ao longo do contexto histórico- evolutivo da humanidade. Desde a Pré-história o conhecimento das plantas medicinais da caatinga, sendo usado explorados por diferentes povos e tal prática se mantém até os dias atuais. A construção desse importante conhecimento ainda precisa ser ampliado e explorado em sua essência, pois ainda existe muita desinformação acerca de toda essa riqueza existentes bem debaixo de nossos olhos, principalmente na abordagem da vida noturna de uma floresta.

Humanos e animais de todas espécies vivem intimamente uma em relação de dependência desde a sua a sua alimentação, e ao diferentes modo de vida, tratamento, beleza e tais crendices religiosas a partir de algumas espécies vegetais (Martins, 2013; Giraldi e Hanazaki, 2010; Valeriano, 2017).

O conhecimento tradicional popular sempre foi menosprezado pela ciência e por muitos cientistas no mundo fora. No entanto, hoje tal conhecimento se encontram melhor definido como um sistema integrado de conhecimentos comprovados cientificamente.

O Brasil possui uma riqueza imensa quando se trata do bioma caatinga, com uma peculiaridades existentes só aqui. Muito dos seus municípios e seus mil habitantes que pessoas simples desde agricultores familiares, e pecuaristas não reconhecem ou não saber o poder medicinal de tantas espécies com tantas características específicas, que servem de benefício para a humanidade.

Nesse aspecto torna-se necessário compreender quais são essas riquezas e usar em prol dos avanços de tratamentos medicinais alternativos, fugindo do mercado alienador dos medicamentos químicos em parcerias com laboratórios e médicos que recebem uma porcentagem por receitar determinados medicamentos, que traz uma série de problemas a curto, médio e longo prazo para os humanos, uma vez que tais substancias são estranhas ao corpo humano.

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007).

Dessa forma o investimento em profissionais habilitados para investigar, pesquisar e comprovar os benefícios de toda essa vegetação é mais do que necessário. O que representaria uma avanço significativo em estudos e pesquisas no campo da caatinga brasileira.

O país de maior biodiversidade do planeta o Brasil possui, muito ser estudado e explorado. A caatinga aparece com um importante objeto de estudo que trará a curto, médio e longo prazo inúmeros benefícios que o homem, nem pode imaginar, mas que a ciência já pode comprovar por meio de estudos científicos.

Tal riqueza e variedade de espécies vegetais e animais presente na caatinga é um mistério da ciência, que precisa ser ampliado e novos horizontes estendidos na área da pesquisa e de estudos científicos. Tamanha riqueza de percepção traduz em estratégias de convivência com o meio, como, preservação de nascentes para higienização (banhos) dos guaxinins, construção de inacreditáveis cercas com ramos de herbáceas, 30 cm de altura com evitar a presença dos mocós em determinadas áreas, proteção de aranhas caranguejeiras como predadoras de escorpiões e piolhos de cobras.

Tal biodiversidade com tantos recursos naturais, garantam um espaço propício para a manutenção da saúde humana e da longevidade, que vem sendo buscado desde a existência da humanidade. (Gomes et al., 2008; Funari e Ferro, 2005; Benini et al., 2010).

CARTOGRAFIAS DO IMAGINÁRIO

A “nova cartografia social”, foi, e ainda é, em certa medida, a prática que recolocaria à descrição etnográfica a relevância do reencontro com a poesia, enquanto narrativa do cotidiano, que tanto pode estar na fala do membro da comunidade que foi entrevistado, quanto daquele que a interpreta consoante os cânones da ciência, delineando uma relação de pesquisa peculiar. Já a cartografia do imaginário, uma apropriação dos estudos da ciência da educação em consonância com o meio ambiente, visa justamente dar uma continuidade a esse aspecto poético da imaginação valorizando os elementos primordiais da matéria: água, fogo, ar, terra.

Tal cartografia é mais do que uma descrição da terra, é uma resistência ao colonialismo enquanto um entendimento desta distinção é fundamental para todos os povos e comunidades tradicionais, enquanto preservação de biomas da exploração desenfreada capitalista. Consolida-se por ela direito territoriais. Visam reeditar com atraso princípios relativizados pelo próprio desenvolvimento do capitalismo. Um dos nós a desatar, portanto, é as condições não só humanas, mas também das espécies semelhantes, ou seja, dos animais e vegetais também como seres de direitos.

O ar é o próprio aroma da caatinga, que além de ser a mata branca, é um verdadeiro boticário exótico de flores que se abrem quando chove. O fogo, em nossa trilha representa a parte do desmatamento, que demora tanto para se recuperar, ao mesmo tempo representa uma renovação. E a água é o caminho natural que a própria caatinga abre para que possamos adentrar e conhecê-la.

Aqui é que a “nova descrição” se colocaria, distante do empirismo, da repetição e da monotonia dos “explicadores”, abrindo campo para uma criatividade descritiva. Essa é justamente a descrição do imaginário da trilha, aquele que foge ao que vemos, sabemos que a caatinga tem justamente essa característica única de ser um bioma que guarda em si seu aspecto de “mata branca”, mas que quando chove esverdeia e pode ficar toda florida, se tornando num jardim exótico. Além disso, há também toda uma diferença entre caminhar na trilha durante o dia e ver sua flora, e à noite quando já se registrou toda uma fauna mais rara e difícil de se encontrar. A natureza então se expressa na medida em que se valoriza com paciência e atenção a sua manifestação, a maior dessas manifestações é o bem medicinal que ela pode fazer à nossa saúde.

A caatinga é vista, observada, pesquisada e estudada em seu ciclo com flora e fauna, comumente nos períodos matutinos e vespertinos. A caatinga da sabedoria popular, como é tratada nessa abordagem se confunde com outros biomas em uma relação intrínseca com os elementos água, fogo, ar e terra no período noturno, geralmente contado por pessoas nativas. A água do subsolo corrente em veias se manifesta na forma de evaporação no início da noite, podendo ser detectada por pessoas transeuntes habilitadas com as pernas expostas para sentir variação de calor e umidade, marcando ali possibilidade de busca de águas subterrâneas. O fogo aceso em estaca de madeira na forma de facho tem seu poder de combustão ampliado com o maior fornecimento de oxigênio local derivados de vegetações de elevado processo de fotossíntese no período diurno e o

imaginário suspiro da terra. O poder do fogo ocorre com mais intensidade no intervalo do pôr do sol até as 22:00 horas, momento de chegada dos sopros em correntes de ar oriundos dos litorais ou chamados ventos do norte. O Ar tem suas características majestosas para o processo de resfriamento das intempéries dos períodos matutinos e vespertinos. Logo, no início da noite dispersa elevadas camadas de calor acumulado em rochas e solos gerando visuais chamas de clarões que se confundem com tochas de fogo em movimento e sinais sonoros que se confundem com assovios imaginários, como ocorre na hora da passagem e rota do assobiador (figura mística do sertão catingueiro). A terra em sua composição natural de rochas, cristais/minerais, argila, silte e matéria orgânica traz a essência do homem de barro dentro do imaginário popular que a terra é a casa, ela cria, vacina e cura, depois eleva suas crias animais, vegetais, microrganismos e minerais à supremas transformações e mutações.

MEDICINA POPULAR

Marques (2000), traz a discussão a importância da biodiversidade vegetal da caatinga, revelando o poder fitoterapêutica que pode representar um conjunto de inúmeros benefícios para o homem.

Uma potência mundial para a manutenção e obtenção da saúde da população local. Todas espécies ali plantadas divinamente tem uma função importante na biologia da vida, sendo importante a sua exploração uma vez que na maior das vezes, toda essa biodiversidade vegetal, muitas ainda não foram catalogadas (Guerra e Nodari, 2001; Pillon, 2002).

A flora brasileira é considerada com uma das mais ricas do mundo com mais de 58.000 espécies representando mais de 19,5% da flora mundial, e em especial a caatinga tem muitos segredos e mistérios a serem revelados em prol da saúde do homem, sendo necessário o investimento de maiores e melhores políticas públicas na saúde pública, que contemplem essa riqueza, tão acessível aos sertanejos, e que em grande parte das vezes é inferiorizada.

A diversidade vegetal caatinga foi representada na região do Nordeste brasileiro, uma terra que é vista por muitos como pobre e infértil, mas que esconde uma riqueza de detalhes e recursos que podem ainda contribuir significativamente para futuros estudos acerca da saúde humana.(Fagundes et al., 2017; Gomes et al., 2008).

Para Fagundes et al. (2017), o conhecimento sobre a biodiversidade da caatinga, ainda precisa ser explorado em sua totalidade. Assim, há a necessidade de estudos voltados para tal temática sendo possível descobertas fantásticas que serão muito útil para o tratamento de inúmeras doenças e as variantes da mesmas, que surgem a cada segundo.

Apesar de toda essa riqueza da flora brasileira em especial caatinga, não veem sendo utilizada de forma ampla e correta. Onde muitas plantas medicinais ali presentes são ignoradas ou rejeitas pelo mundo científico, sendo importante trabalhar a ignorância e a desinformação científica nesse aspecto aqui citado. (Fagundes et al., 2017)

Outro elemento chave é a preservação dessa biodiversidade, que vem sendo paulatinamente destruída pelo próprio homem moderno em busca do crescimento urbano e ao enriquecimento a todo custo , destruindo milhares de hectares de áreas, que desempenha uma função importantíssima para os humanos e para os animais.(BENINI et al., 2010).

Araújo (1979) retoma a discussão afirmando a necessidade de maiores investimentos no campo medicina popular, que por séculos ficou no esconderijo do senso comum, como algo invalido, mas que agora mostra e prova cientificamente sua eficiência em vários âmbitos. O uso de plantas no Brasil, foi iniciado pelos índios, e tal contribuição foi se perpetuando ao longo dos para os negros e europeus. E que até hoje, tem seu valor e sua importância, mesmo que não seja notada em sua plenitude.

Os saberes indígenas, os saberes do caatingueiro, os saberes o sertanejo precisa ser registrados, documentados, valorizado e reconhecido pela academia e órgãos oficiais da saúde, pois tal conhecimento é ainda visto com certa inferioridade e rejeição, o que em hipótese alguma pode acontecer.

O que era visto apenas como senso comum, ou como credices religiosas, hoje é visto como fatos científicos comprovados pela ciência. A cura e o tratamento de determinadas doenças podem ser extraídas da caatinga sim. Desse modo, é imprescindível o alinhamento dos conhecimentos indígenas, com o que se tem de mais moderno e avançado com a medicina convencional para resultados maiores e melhores sejam alcançados em todas as instância da vida humana (Almeida, 2003).

Para Gomes et al, (2008) a região do semiárido brasileiro em especial a Caatinga, vai muito além de uma medicina popular, ou uma superstição religiosa. Vai de encontro as pesquisas científicas, que revelam suas propriedades curativas em diversos estágios de doenças humanas.

Os usos de plantas medicinais pelos nordestinos era tido por séculos como uma tolice, mas já foram registrados e coletados dados importante importantes, no que se refere a cura de muitas pestilências, a partir do berçário da caatinga (Albuquerque, 2002). Pinto et al., (2006) traz a discussão um problema grave que vem acontecendo ao longo dos séculos, a perda do conhecimento a seu respeito de todas as plantas medicinais e do seu uso correto das mesmas. Conhecimento esse, que precisa ser catalogados e registrado para que não, se perca ao longo dos anos.

Para Geraldi e Hanazaki (2010) a conservação de conhecimentos e saberes da caatinga começam a partir do desenvolvimento de uma consciência ambiental no que concerne a conservação da biodiversidade, o que evitaria significativa as queimadas na caatinga que é muito comum para o plantio de sementes para alimentação humana.

O manejo do ambiente em especial é valiosos, pois muitos dos sertanejos e de seus habitantes não usam a terra de uma forma sustentável, a saber as queimadas para a exploração das terras para o cultivo da agricultura familiar e da comercial .

Em âmbito nacional é possível constatar que parte dos saberes e dos conhecimento da caatinga já é notório pelo Brasil e pelo mundo. No entanto, há ainda há ser estudados e comprovado dentro das plantas medicinais, pois as mesmas não apresentam apenas um potencial terapêutico, mas se estende ao aspecto econômico, visa crescimento e desenvolvimento para as indústria farmacêutica e de beleza coma produção de novos produtos, sem danos nocivos a saúde humana(Gomes et al., 2008, p. 75)

O conhecimento empírico associado ao conhecimento tácito permeado da cultural local dialogando com o misticismo, configura o fortalecimento do imaginário que narrado de gerações em gerações se confunde com verdades, tanto que por longos anos se tornaram práticas rotineiras em regiões rurais. As narrativas dão conta que juntamente ao silêncio do início da noite transita o assobiador, figura mística na forma de pato gigante que caminha nas trilhas fazendo percursos em círculos anti-horários iniciando pelo oeste. Durante esses horários deve-se ter mais atenção, pois, certamente a natureza observa a todos e a todas, para que momento dos imaginários assobios ouvidos, as pessoas devem ficar de cócoras tipo posição fetal até o assobiador completar seu ciclo, dessa forma suas atividades de caça, manejo de animais e agricultura não serão perseguidos pela ira do assobiador.

Após o tempo do assobiador e em dias lua nova ou lua cheia, turno noturno, eis que na escuta surgem marchas de imaginário longínquo das formigas de tatus, momento que seus predadores saem para se alimentarem destas. Tatus passeiam, soam pegadas sobre as folhagens ou sua calda sobre e entre galhos que arrepiam quem escuta diversos cruzamentos sonoros. Insetos picantes e sugadores como: borrachudo, mosquito arrepiado e asa dura também transitam provocando desconforto, gerando ansiedade e medos no território. Diante sustos e a necessidade de deslocamentos de fugas podem se deparar com formatos imaginário de olhos gigantes a partir de formas brilhantes das aranhas e suas teias entre galhos aéreos e estrato herbáceo da caatinga, aumento da adrenalina é inevitável. Os gambás (saroés, cassacos) buscam incessantemente por escorpiões, larvas, pequenas cobras (jararacas, corais), carrapatos, e sendo dispersores de calores (possuem reserva de gorduras) são perceptíveis as serpentes cascavéis, ariscas que se assustam rapidamente e soam tinidos de charelos (chocalhos) que no imaginário silêncio da noite, a caatinga pode estar mais transeunte do que nos demais turnos. Os veados cruzam trilhas na busca de vagens de juazeiro ou pau ferro, fonte de ferro, os guaxinins caminham lentamente na busca de lugares úmidos para banhos e captura de anfíbios para consumir suas vísceras, toda a movimentação gera ansiedade, curiosidade e por vezes pânico. Por momentos surgem surpresas como pancadas sobre a terra, de duas possibilidades uma, mocós em dessendentação, roendo cascas de árvores nos períodos de estiagens que se espantam e se jogam com astúcia de voadores. Outra, é de percepção de vultos e objetos voadores brilhantes, pois se trata do morcego fazendo a polinização dos mandacarus que ocorre somente nas madrugadas. Nas madrugadas surgem os primeiros ventos tipicamente frios, dado como, a volta da cruviana, imaginário da liberação de ar da terra por alívio após exaustão da irradiação de calor do dia. Nessa madrugada surgem estrondos longos como sendo distantes, mas ocorre no seu meio e entrono com as perdas de calores acumulados nas rochas e terras da caatinga, é como o misticismo de circulação e atividades daqueles que fiscalizam e põem ordem na equação da vida noturna, para além do assobiador, o curupira e o saci devem ser atendidos com oferendas que lhes saciem seus hábitos. O maior imaginário da presença dessas figuras místicas pelo ser humano se dá pela ação das corujas praticamente invisíveis na noite que se manifestam em cantos ou sistemas de alarmes como o caburé de buraco e da coruja rasga mortalha

A transição da noite para novo dia, pode-se observar na floresta, nas trilhas, na vegetação que nada mudou, como tantra movimentação, inquietação, cadeias alimentares se concretizando e

nenhum sinal se torna perceptível ao olhar humano imediatamente. Porém para riqueza de detalhes, aqueles que dominam a sabedoria da vida vivida, da vida pensada, do misticismo e do imaginário, percorre e melhor percebe seus fluxos e equilíbrios. Castanha de caju sem pseudofruto no chão é presença de guaxinim no território, seu afastamento se dá por meio da ação de felinos (onças). Melancias, melões furados e consumidos discretamente ação de raposas, jerimuns furados sem sementes ação de macacos pregos, vagens jovens cortadas sinais de jacus (aves noturnas). As ocorrências noturnas apresentam seus resultados com belíssimos ciclos de manutenção da floresta, equilíbrio genético da flora, principalmente por polinização e dispersão de sementes, assim como, equilíbrio dos ambientes com ocupantes, predadores ou não, e seus ciclos.

A valorização da diversidade do bioma caatinga precisa ser notória a todos, principalmente para as populações locais, dos quais ainda não enxerguem a sua plenitude o seu valor para o planeta e para o próprio ser humano. Valeriano (2017) diz que as plantas da caatinga é sinônimo de manutenção e obtenção da saúde, trazendo um custo bem menos e a longevidade, que vem sendo buscada e estudada ao, longo da história da humanidade.

A caatinga precisa de espaço e de notoriedade para ser expandir em novas pesquisas científicas, que será algo benéfico e com resultados incríveis para a saúde humana. Combatendo o consumo de tratamento medicamentosos feitos a base de drogas químicas, que podem representar perigos a saúde a longo prazo, pois os mesmos viciam um ciclo vicioso, até chegar um estágio que o organismo humano não reagem mais aos seus efeitos.

Para Santos et al., (2017) faz uma relação dos vegetais que possuem um maior número expresso nos dias de hoje com ações fitoterápicas são as famílias Fabaceae, Anacardiaceae e Euphorbiaceae. E que na maioria das vezes, tal conhecimento é desconsiderado por muitos, até mesmo o que vivem na caatinga sendo necessário a divulgação e a disseminação de tais conhecimentos.

A Caatinga é um bioma exclusivamente brasileiro, possui uma área de 969.589,4 km², ocupando cerca de 54% de toda a região nordeste e cerca de aproximadamente 11% do território nacional, mas ainda existe muita desinformação acerca da temática aqui discutida (Pereira-Junior et al. 2014; BRASIL, 2002).

O ecossistema caatinga é conhecido e todo o mundo, mas pouco explorado pelos laboratórios e pela ciência, e pela tecnologia. E no, que diz respeito da farmacologia, há ainda muito a ser considerado e catalogado. (Pereira-Junior et al. 2014; Ribeiro, 2014).

As plantas medicinais da caatinga já foram consagradas pela farmacopeia brasileira, mas ainda existe muito a ser investigado e acrescentado e descoberto como conhecimento válido (Cordeiro & Félix, 2014).

Cordeiro e Félix (2014) e Santos et. al., (2017) em seus estudos apontam que a caatinga é uma farmácia natural feita pelas mãos do próprio criador, por exemplo a *Myracrodruon urundeuva* Allemão (Aroeira) indicada no combate a problemas do aparelho respiratório, anti-inflamatório e cicatrizante. Muito desse conhecimento não é expandido para todos os públicos.

Observando os dois lados da moeda a caatinga oferece ainda as ervas que são úteis o combate de pragas e de ervas invasoras ou daninhas para a agricultura familiar, ao invés de produtos químicos que contaminam o solo e os lençóis naturais.(Cordeiro & Félix, 2014).Para Sampaio (2010),a dinâmica climática e geográfica da caatinga é sempre de sobrevivência e de ressurreição em meio a capacidade enorme de armazenamento de água, onde aos olhos humanos parece está totalmente morta nos meses de seca.

Segundo Ribeiro et. al., (2014) a natureza em todas suas diversidades, formas, cores e características não tem apenas um único recurso, mas vários disponíveis para os diferentes aspectos da vida humana. O que falta é esse alto reconhecimento para a exploração da forma correta e sustentável desses recursos sem destruí-los.

A caatinga se expande também para os aspectos socioeconômicos, pois o uso de suas plantas medicinais já se constitui em um mercado livre no Brasil interessante que tem produzido a comercialização de medicamentos produzidos a base de plantas, o que revelou uma eficácia significativa pelos seus usuários (Fonseca-Kruel, 2007)

A disseminação do conhecimento popular da caatinga ainda precisa de maior expansão, e tal conhecimento não pode ficar restrito apenas para as comunidades ou determinados grupos étnicos, mas se estender a todos.

Fica evidente que seu valor da caatinga e de seus recursos são grandiosos, e que muito além dos benefícios terapêuticos e econômicos. Amorozo (1996), fala do valor social, ecológico, cultural da caatinga e que requer preservação de tais peculiaridades, para que no futuro não o bioma não entre na lista de extinção.

Os gastos com a saúde pública todos os anos é altíssimo para os cofres públicos, uma vez que existe parcerias corruptas entre os laboratórios, indústria farmacológica, hospitais, empresários do ramo e médicos. Assim chegamos na fala de Calixto e Ribeiro (2004),que mostra

a utilização de plantas com fins medicinais uma redução de gastos com medicamentos sintéticos, e que é muito mais saudável para todo organismo humano.

Por séculos a medicina era retirada totalmente da natureza tais o tratamento de doenças e ferimentos sempre foram satisfatórios, evitando assim uma série de contaminações que são muito frequentes e ambientes hospitalares dos grandes centros urbanos. Diante disso, torna-se necessário medidas de intervenção para um maior investimento na exploração dos recursos ofertados pela caatinga, aliados agora aos avanços tecnológicos da medicina convencional (PILLA et al., 2006).

O conhecimento popular tradicional não pode ser banalizado ou ignorado, mas usado de forma científica em prol da medicina e do tratamento e da manutenção da saúde humana. É uma boa notícia é que Organização Mundial de Saúde – OMS já regulamentou tais conhecimentos a base do uso de medicamentos à base vegetal (fitoterápicos).

O assunto medicinal, vale citar crédulos imaginários de ocasião que avança da flora para a fauna, abordagens aqui relatadas dão conta de práticas rotineiras por algumas pessoas e suas gerações, embora essas citações, favoreçam o imaginário dos praticantes em seus efeitos benéficos. A banha do teiu (tejo) e da cobra cascavel amornada é utilizada para tratamento de inflamações e infecções de garganta, o estômago (colho) do mocó é usado por incontáveis vezes para coagulação do leite na produção de queijo coalho. O couro da raposa é utilizado sobre as cercas dos quintais para afugentar gaviões e outras aves de rapinas que atormentam as aves domésticas. Conduzir uma correia (tira de couro) do guaxinim evita ser atacado por cobras venenosas, caçador que consumir coração cru de beija flor se tornará certo em suas investidas,

E por fim para pessoas praticantes da arte da música utilizar méis de abelhas indígenas/sem ferrão (melíponas) nos olhos evita inflamações e doenças oculares, melhor visão noturna, além de seu uso oral mantém a garganta intacta. Vale salientar que para o músico/a utilizar um charelo (chocalho) da cascavel junto ao seu instrumento musical, amplifica sons e as afinações ficam mais agradáveis ao ouvidos de quem te prestigia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desse modo o resultado encontrado em nossa trilha foi a distinção das seguintes espécies vegetais da Caatinga: ANGICO (*Anadenanthera colubrina*); CARCARAZEIRO OU JUREMA BRANCA (*Piptadenia stipulacea*); CATINGUEIRA (*Caesalpinia pyramidalis* Tui); EMBIRA (*Lonchocarpus guilleminianus*); FAVELEIRA (*Cnidoscolus quercifolius*); IMBURANA DE

CAMBÃO (*Commiphora leptophloeos*); IMBURANA DE CHEIRO (*Amburana cearenses*); JUAZEIRO *Ziziphus joazeiro*; JUREMA PRETA (*Mimosa tenuiflora*); MANDACARU (*Cereus jamacaru*); MARMELEIRO DO MATO (DOCE) (*Croton blanchetianus*); MASTRUZ (*Dysphania ambrosioides*); MORORÓ (*Bauhinia forficata*); MULUGU-DA-CAATINGA (*Erythrina velutina* Willd.); PAU-FERRO (*Caesalpinia leiostachya*); PEREIRO (*Aspidosperma pyrifolium*); QUINA-QUINA (*Cinchona calisaya*); QUIXABEIRA (*Sideroxylon obtusifolium*); SETE-PATACA (*Allamanda cathartica* L.); UMBUZEIRO (*Spondias tuberosa*). Assim como as espécies que possui sua incidência no ecossistema Caatinga e em outras regiões: Aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão), BOM NOME (*Maytenus rigida* Mart); CANAFÍSTULA (*Peltophorum dubium*); JERICÓ (*Selaginella lepidophylla*); MARACUJÁ- DO-MATO OU DE BOI (*Passiflora cincinnata* Mast); MARCELA (*Achyrocline satureioides*); MASTRUZ (*Dysphania ambrosioides*); MUSSAMBÊ (*Cleome hassleriana*); PINHÃO (*Jatropha gossypifolia* L.); QUEBRA FACA (*Croton conduplicatus*), entre outras que ainda poderão ser descobertas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos aqui entender o termo 'ecologia' não apenas como o estudo aprofundado das relações entre seres vivos e os ambientes onde vivem, conforme é caracterizada pela biologia. Os filósofos hermeneutas ressignificam essa noção, retomando o termo 'ecologia' como o estudo das interações (recíprocas) entre seres vivos e ambientes, notadamente o ser humano e o meio ambiente, pensando as relações de modo basicamente correlato. Em outros termos, uma ecohermenêutica se caracteriza pelo estudo da interdependência entre seres vivos, especialmente o ser humano, e os ambientes e suas solidariedades, com ênfase nas diversas camadas de sentido proliferados nestas relações, para além dos estudos científicos. (BATISTA, 2020, p. 48)

O presente trabalho buscou analisar os conhecimentos tradicionais acerca do emprego de plantas medicinais da Caatinga, sob uma perspectiva de valorização e de preservação desse importante bioma brasileiro.

Foi observado ainda a super importância do uso de plantas medicinais, e o tamanho da riqueza que sempre esteve ao lado dos nossos olhos. Diante de todas as espécies vegetais citadas aqui é preciso investir dentro dessa importante área de tantos conhecimentos a serem explorados e disseminados pelo mundo. Dentro da cartografia da educação ambiental estipulada por Sauv   (2008), percebemos que a corrente holística    a que mais se alinha    cartografia da trilha ecológica do Campus Petrolina Zona Rural, por seu caráter integrador e educativo de um experimento

pedagógico peripatético, como ensinava o próprio Aristóteles caminhando, e isto é uma oportunidade para aprendermos em movimento, uma educação ambiental de uma maneira dinâmica e prática.

O projeto de extensão Trilha Ecológica Inclusiva do Campus Petrolina Zona Rural do IF Sertão-PE promove um passeio de conhecimento e valorização de plantas da Caatinga [...] através da sensibilização e orientação do uso sustentável da flora da Caatinga. A ideia é que as pessoas conheçam para preservar. (SOUZA, 2021, p. 7)

Enfim, percebeu-se nesse intuito de preservação a enorme necessidade de se alinhar o conhecimento popular tradicional, preservar a natureza é preservar a nós mesmos, nossos recursos, nossa vida e que muitas a própria medicina convencional pode ter assim contribuições científicas que contribuam para obtenção e manutenção da saúde humana com novas descobertas.

BIBLIOGRAFIA

AMOROZO, M. C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de Plantas Medicinais. In: DI STATSI, L.C. (Org.). Plantas medicinais: Arte e Ciência, um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: EDUSP. p. 47-68. 1996.

ALBUQUERQUE U. P.; ANDRADE, C. H. L. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). Inter ciências, v. 27, n. 7, p. 35-363. 2002.

ALMEIDA, C. F. C. B. R., ALBUQUERQUE, U. P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. Interciencia 2002; 27(6): 276-285.

ARAÚJO A. A. Medicina rústica. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense; 1997.

BATISTA, Gustavo. Gadamer e a questão ambiental. **Rev. NUFEN** vol.12 no.1 Belém jan./abr. 2020 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº01artigo64>

BRASIL. Ministério da Saúde. Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS. Secretaria de Assistência à Saúde. Departamento de Atenção Básica – Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

CALIXTO, J.; RIBEIRO, E. O cerrado como fonte de plantas medicinais para uso dos moradores de comunidades tradicionais do Alto Jequitinhonha, MG. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 2., 2004, Indaiatuba. Anais... São Paulo: ANPPAS, 2004. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT02/GTJuliana.pdf>.

CORDEIRO, J. M. P.; FÉLIX, L. P. Conhecimento botânico medicinal sobre espécies vegetais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, Brasil. Rev. Bras. Pl. Med., Campinas, v.16, n.3, supl. I, p.685-692, 2014.

FAGUNDES, N. C. A., OLIVEIRA, G. L., SOUZA, B. G. Etnobotânica de plantas medicinais utilizadas no distrito de Vista Alegre, Claro dos Poções – Minas Gerais. Revista Fitos, Rio de Janeiro, Vol. 11(1), 1-118, 2017. ISSN: 2446-4775. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/320028839_Etnobotanica_de_plantas_medicinais_utilizadas_no_distrito_de_Vista_Alegre_Claro_dos_Pocoas_-_Minas_Gerais>. Acessado em 26 dez. 2020.

FONSECA-KRUEL, V. S., SILVA, I. M., PINHEIRO, C. U. P. O ENSINO ACADÊMICO DA ETNOBOTÂNICA NO BRASIL. Rodriguésia 56 (87): 97-106. 2005.

GADAMER, H. El estado oculto de la salud. Trad. Néida Machain. Barcelona: Editorial Gedisa, 2001.

GIRALDI, M. HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis-SC, Brasil. Acta bot. bras. 24(2): 395-406. 2010

GOMES, E. C. S., VILAR, F. R., PEREZ, J. O., et al. Planta da Catinga de uso terapêutico: levantamento etnobotânico. Eng. Ambiental, Espírito Santo do Pinhal, v. 5, n. 2, p. 074-085, mai/ago 2008.

GUERRA, M. P.; NODARI, R. O. Biodiversidade: aspectos biológicos, geográficos, legais e éticos. In: SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; GOSMAN, G.; MELLO, J. C. P.;

MARQUES, M. B. Patentes farmacêuticas e acessibilidade aos medicamentos no Brasil. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 7, n. 1, p. 7-21, 2000

MARTINS, R. C. Plantas medicinais da Caatinga: uso e conhecimento popular em área urbana do município de Juazeiro-BA. Trabalho de conclusão de curso (Especialização) Universidade do Estado da Bahia. Departamento de ciências Humanas, Campos III. Juazeiro- BA, 2012. 59p.

PEREIRA JÚNIOR, L. R. et. al. Espécies da Caatinga como Alternativa para o Desenvolvimento de Novos Fitofármacos. Floresta e Ambiente. 2014 out./dez.; 21(4):509- 520. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/2179-8087.024212>>.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso de plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi Mirim, SP, Brasil. Acta Botânica Brasílica, Brasília, DF, v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006.

PILLON, J. J. Amazônia: o último paraíso terrestre. Rondônia: Pallotti, 2002. 436 p.

RIBEIRO, D. A., MACEDO, D. G., OLIVEIRA, L. G. S., et al. Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. Rev. Bras. Pl. Med., Campinas, v.16, n.4, p.912-930, 2014.

SANTOS, C. B. et al. O USO DA FITOTERAPIA PELOS MORADORES DA FAZENDA FAGUNDES NO MUNICÍPIO DE CURAÇA/BA. In: Disponível em:<<https://www.even3.com.br/anais/ciierd2017/70291-O-USO-DA-FITOTERAPIA-PELOS-MORADORES-DA-FAZENDA-FAGUNDES-NO-MUNICIPIO-DE-CURACABA>>. Acesso em: 06 dez. 2020.

SOUZA, E. M. (Org.). Plantas da caatinga: um olhar multidisciplinar. Petrolina: IFSertãoPE, 2021.

VALERIANO, A. C. F. R. O uso da fitoterapia na medicina por usuários do SUS: uma revisão sistemática. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Saúde e Biológicas) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, 2017. 82 p

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: Sato, M.; Carvalho, I. Educação Ambiental: pesquisas e desafios. – Porto Alegre: Artmed, 2008.